

ROGER OSBORNE

CIVILIZAÇÃO

Uma Nova História do Mundo Ocidental

Tradução:

Pedro Jorgensen



Rio de Janeiro | 2016

Copyright © Roger Osborne 2006

Título original: *Civilization*

Capa: Estúdio Insólito

Editoração: FA Studio

Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2016

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O89c Osborne, Roger

Civilização: uma nova história do mundo ocidental / Roger
Osborne; tradução Pedro Jorgensen. — 1. ed. — Rio de Janeiro:
Difel, 2016.
il.; 23 cm.

Tradução de: Civilization
ISBN 978-85-7432-140-0

1. História moderna. 2. Civilização comparada. 3. Oriente e
Ocidente. I. Título.

16-34969

CDD: 909.08

CDU: 94(8)

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por
quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

CAPÍTULO I

NO COMEÇO

A Pré-História e as Sociedades Ágrafas

OS HUMANOS modernos chegaram às terras ocidentais há cerca de 40 mil anos. Nessa fronteira entre o tempo geológico e a pré-história humana, a Europa passou por uma sucessão de períodos glaciais que afetou profundamente a sua paisagem e o seu hábitat. Os humanos chegaram não quando o gelo acabou, mas durante uma fase interglaciária; a história dos primeiros povos do Ocidente é a da adaptação humana a um mundo em contínua transformação. Os primeiros humanos modernos vieram do Nordeste da África e do Oriente Próximo, onde deixaram vestígios datados de cerca de 90 mil anos. Eles provavelmente viveram lado a lado com os homens de Neandertal durante um curto período antes que esses desaparecessem há cerca de 40 mil anos, deixando como última espécie humana sobrevivente o *Homo sapiens*.

A Europa era, então como agora, um conjunto de regiões vegetadas. Dos lençóis de gelo do Norte (e ao redor dos Alpes) se seguia rumo ao sul um vasto cinturão de tundra e estepes com florestas que chegavam às bordas do Mediterrâneo. O nível do mar ficava 120 metros abaixo do atual, deixando imensas planícies costeiras ao sul do Mar do Norte e na França ocidental, parte de um contínuo territorial que ia até a Grã-Bretanha e a Irlanda e mais além. Embora os invernos fossem rigorosos na tundra e nas estepes, esses amplos espaços abrigavam imensas manadas de animais de pasto, particularmente renas, mas também bisões, cavalos selvagens, auroques e, nos tempos mais antigos, mamutes e outros mamíferos da Era do Gelo.

É provável que os primeiros humanos “arcaicos” da Europa se alimentassem de animais achados mortos, mas os humanos de Neandertal e

modernos desenvolveram métodos para matar grandes mamíferos. Caçar é uma tarefa que não se deve subestimar — o animal humano (um frágil macaco sem garras) não é capaz de matar nem mesmo o mais sedentário dos animais de pastoreio sem o uso de ferramentas e certo grau de organização. O influxo de humanos modernos trouxe consigo a proliferação de ferramentas de pedra laminada — raspadores, talhadeiras, pontas de lança, facas, furadores — em cuja fabricação os primeiros europeus exibiram consumada criatividade e engenho prático. Existem exemplares, datados de nada menos do que 33 mil anos atrás, de ossos e marfins talhados, serrados, moídos e polidos com extraordinária destreza.

O frio rigoroso significava que os humanos, tal como suas caças, eram migrantes sazonais que se deslocavam para o norte no verão e retornavam ao sul no inverno. No começo eram provavelmente caçadores oportunistas, mas logo desenvolveram outros métodos mais nitidamente confiáveis que, por sua vez, influenciaram a organização social dos grupos humanos. Há 30 mil anos os caçadores-coletores já eram atraídos pelas principais rotas migratórias de animais de pasto. Vézère e o vale do Dordonha, por exemplo, ficavam na rota migratória das renas entre as pastagens estivais do maciço Central e os habitats invernais da planície atlântica. Vestígios de ossos encontrados em cada um desses sítios provêm quase sempre de um mesmo animal, geralmente renas, indicando a exploração sistemática de uma só espécie. As comunidades humanas se tornaram maiores — dezenas e até centenas de indivíduos viveram em Laugerie Haute e Laussel, no Sul da França, e em Dolní Vestonice, Willendorf e Kostenski, na Europa Central e Oriental. Tal expansão foi possível porque as comunidades eram sedentárias — em vez de seguirem as manadas, podiam esperar a sua chegada —, mudança que permitiu o assentamento de colônias em cavernas, mas também em campo aberto, com casas sólidas, feitas de ossos, pedras e estacas de madeira. Embora a Europa fosse ainda amplamente despovoada, as densidades populacionais e os assentamentos aumentaram significativamente nas regiões onde havia boa provisão de animais.

EM 12 DE SETEMBRO DE 1940, quatro adolescentes franceses encontraram numa caverna de Lascaux, no Sul do país, a famosa “galeria pintada”. As paredes mais altas da câmara e boa parte da abóbada são inteiramente cobertas de pinturas naturalistas de auroques, cavalos, búfalos, íbices e outros animais; outras espécies aparecem nos entalhes e pinturas das

galerias mais profundas, todas datadas de cerca de 17 mil anos. O complexo de cavernas de Altamira, no Norte da Espanha, cujas escavações começaram em 1879, já havia revelado instrumentos e outros artefatos, assim como pinturas, criados por humanos que o habitaram entre 18 mil e 14 mil anos atrás.

Embora a sua beleza e sofisticação sejam reconhecidas por todos, as descobertas de Lascaux e Altamira suscitaram um longo e inconclusivo debate sobre a função da arte nas sociedades pré-históricas. As imagens estão localizadas no fundo dos sistemas de cavernas, representam quase exclusivamente animais caçados (representações humanas são raras e em geral não naturalistas) e, o que é mais curioso, pintadas umas no alto das outras. Só se pode especular que essas imagens faziam parte de um ritual e que a representação de um bisão, por exemplo, fosse uma tentativa de se ligar ao animal ou adquirir poder sobre ele por meios espirituais. Podem-se rejeitar essas ideias como demasiado funcionais, mas é preciso ter em mente que todos os humanos eram, até recentemente, totalmente incorporados ao mundo natural — um meio perigoso e mágico que lhes dava comida e sustento.

A ocorrência de atividade artística tão cedo na história humana está presumivelmente ligada a alguma pequena diferença, porém significativa, entre os humanos e os outros animais, ao passo que seu tema expressa o grau de ligação entre uns e outros. Todas as espécies animais são únicas; as mutações genéticas que produziram os humanos apenas deram ao mundo um membro a mais da família dos macacos. Esse macaco, em particular, parece ter a faculdade da consciência, que lhe permite pensar, planejar e conceber de um modo que o distingue dos demais (combinado ao inconsciente, ao cérebro e à anatomia básica que o faz compartilhar características primatas, como afeição, cobiça, desejo sexual, intercuro social, companheirismo e violência). Aqui temos de nos mover com cuidado, pois estudos recentes têm mostrado que primatas e outros animais não apenas se comunicam por meio da linguagem, como fazem muitas outras coisas (como a fraude e o uso de drogas) que desde muito eram tidas como exclusividade dos humanos. Singularmente humano, até onde sabemos, é o ímpeto de representar o mundo que nos cerca em pinturas e desenhos. É razoável supor que isso esteja ligado à consciência, presumivelmente como um subproduto seu. A capacidade de conceitualizar, planejar e antecipar deu aos humanos uma clara vantagem na confecção de ferramentas, na organização da caça

e coleta de alimentos e na construção de abrigos — que, juntos, puseram ao seu alcance um leque alimentar e habitacional imensamente mais amplo do que o dos macacos, seus primos. Mas, como sabemos por experiência própria, essa mesma consciência levou os humanos a buscar e demandar significados do mundo que os cerca. A capacidade que tem esse macaco sem garras de fabricar as flechas que o habilitam a matar renas é parte do mesmo equipamento mental que o faz se indagar, por exemplo, se as fases da lua têm relação com o tempo, a caça abundante e a doença. Ao passo que a maioria dos animais parece lidar com os caprichos do mundo de um modo pragmático e perceptivo, a consciência humana se rebela contra a ausência de significado. Os humanos construíram símbolos, inventaram histórias e criaram rituais carregados de significado que os ajudaram a entender as variações do tempo e as mudanças da fortuna, da saúde, da caçada e da colheita. A arte, a cultura, a religião e, mais tarde, a ciência fazem parte desse processo que tem estado conosco, ao que parece, desde o começo.

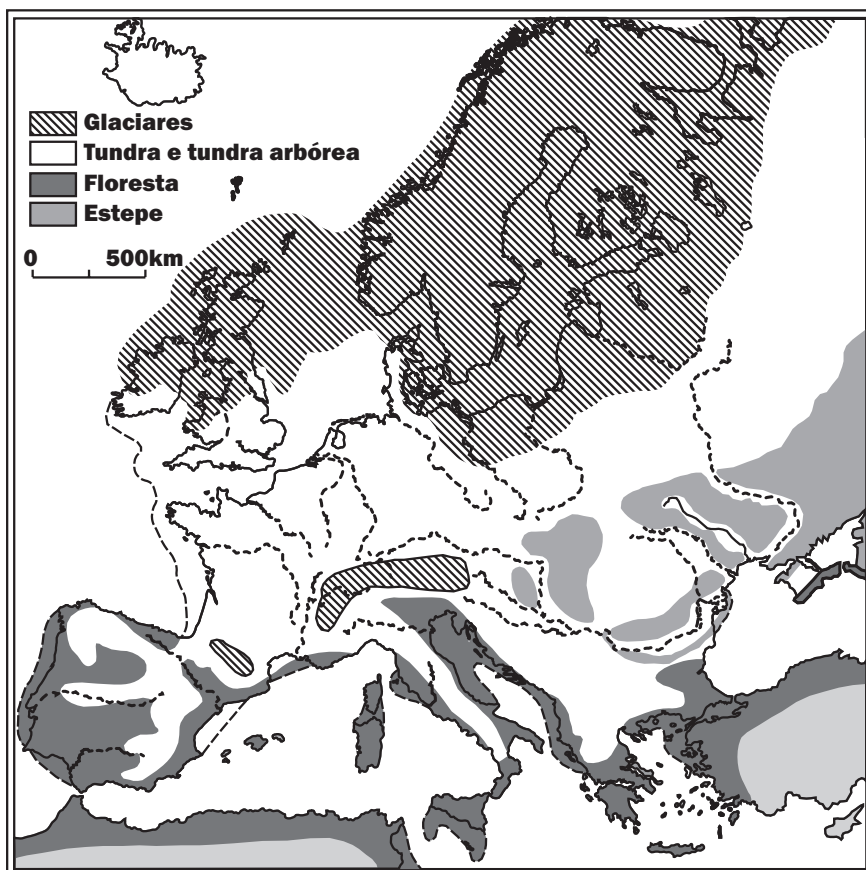
A OCUPAÇÃO DE CAVERNAS como as de Lascaux e Altamira chegou ao fim à época em que se iniciava uma rápida mudança no clima europeu. O auge da última glaciação foi há 18 mil anos. Entre 13 mil e 10 mil anos, o rápido aquecimento do clima começou a exercer um notável efeito sobre a paisagem europeia e sua pequena população humana, transição que marca o fim do período hoje conhecido como paleolítico e o início do mesolítico. Entre 10 mil e 8 mil anos atrás, densas florestas se espalharam por boa parte do continente, o nível do mar se elevou, inundando as planícies costeiras, cortando as pontes terrestres e empurrando a tundra aberta ainda mais para o norte. A população humana foi para o norte também, acompanhando não o recuo do gelo, mas a expansão da floresta. Com a diminuição das fontes de alimentos, a população do Sul da Europa (até então a região mais ocupada) caiu vertiginosamente. A rena foi substituída na dieta humana por espécies florestais, como o cervo e o javali, ao passo que o mamute e o cervo gigante se extinguíram. O tamanho dos grupos humanos diminuiu. Vestígios encontrados mostram também uma menor preocupação com a qualidade dos artefatos e com o naturalismo na arte. No fabrico de ferramentas, agora mais abundantes e variadas, o marfim foi substituído pela madeira, ossos e chifres. Pontas de flechas de pedra lascada (algumas encravadas em animais), machados, enxós, raspadores e furadores do período mesolítico são achados arqueológicos comuns, mas

foram também encontrados alviões de chifres e armadilhas de vime para peixes.

Tudo isso indica que os humanos se esforçaram para viver nas densas florestas do Sul, ao passo que o Norte da Europa e a franja atlântica se tornavam regiões favoráveis ao assentamento, com cursos d'água interiores e costeiros servindo de fontes de alimentos e meio de transporte. Em Tybrind Vig, um sítio submerso no litoral da Dinamarca, encontraram-se anzóis e fragmentos de corda e “tecido” feitos com fios de fibras vegetais, junto com uma pá de remo decorada. Vasos de cerâmica (que se supunha terem sido introduzidos por agricultores neolíticos posteriores) estavam também em uso na Escandinávia há cerca de 5.600 anos, assim como cabanas com buracos para estacas e pisos de madeira feitos de toras de bétula e pinheiro entremeadas de folhas de cortiça. Star Carr, um sítio mesolítico próximo à costa oriental de Yorkshire, foi quase certamente um posto avançado de verão da cultura mesolítica da Escandinávia. Nesse assentamento lacustre se encontraram ornatos para cabeça feitos de chifre, uma pá de remo de madeira, arpões de chifre e pontas de flecha farpadas. Seus ocupantes de verão tinham ao seu dispor cerca de 520 quilômetros quadrados de floresta e se alimentavam de cervos, corças, javalis, peixes, patos e outras aves aquáticas (estima-se que cerca de 3 mil cervos viviam em sua área de caça).

Esses europeus setentrionais se adaptaram à vida na orla de uma floresta que se movia ainda mais para o norte, mas seu ambiente continuou a mudar. Estudos dos depósitos de turfa em Star Carr mostraram que há cerca de 11 mil anos salgueiros e álamos começaram a invadir as lagunas, drenando pouco a pouco suas águas refluentes. Os habitantes retiravam as árvores e arbustos da beira da laguna por meio do fogo, mas foram vencidos pela mudança da vegetação, uma vez que, por volta de 10.500 anos atrás, o intenso crescimento de aveleiras transformou o lago em pântano e Star Carr foi abandonada. Adaptar-se significou migrar.

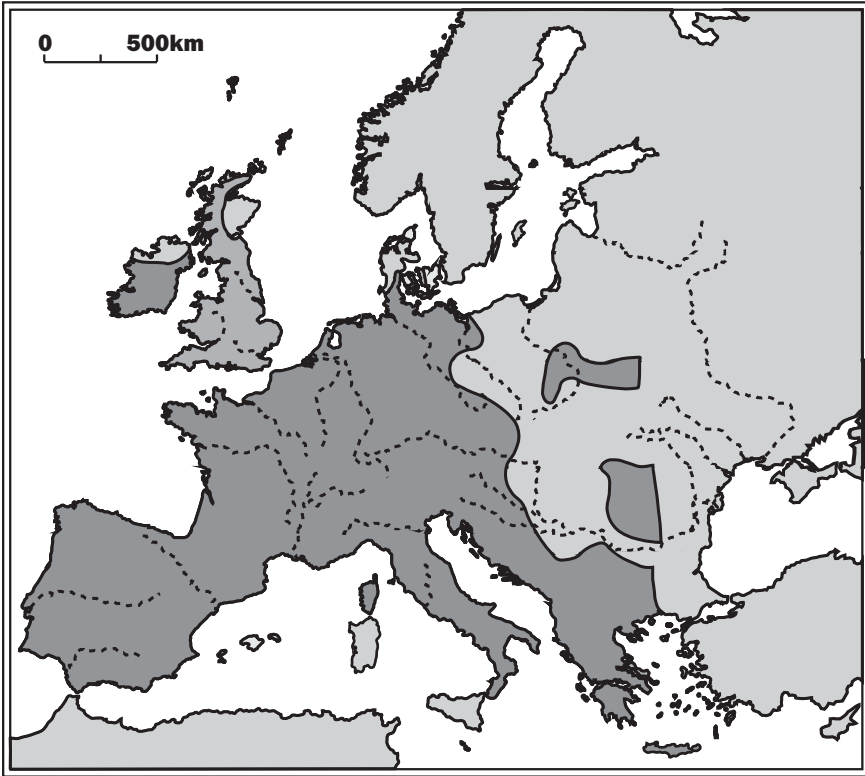
As habitações mais bem preservadas da Europa mesolítica são as de Lepenski Vir, no Danúbio, ocupada entre 7.750 e 6.250 anos atrás. Nesse assentamento pesqueiro, os caçadores estabeleceram um modo de vida sedentário. Seus habitáculos, com plantas trapezoidais de mais de trinta metros quadrados, eram construídos sobre terraços cortados às margens do rio. Eles faziam esculturas de humanos com cabeça de peixe e enterravam seus mortos com a cabeça virada no sentido da correnteza, com a finalidade, acredita-se, de que o rio levasse seus espíritos. O rio encarnava também a



Na glaciação máxima, há cerca de 200 mil anos, a Europa Ocidental era predominantemente uma vasta região de tundra aberta que incluía os atuais mares do Oeste da França e a parte sul do Mar do Norte.

renovação, uma vez que, na primavera, esturjões brancos com mais de nove metros de comprimento, tidos como representação dos mortos redivivos, nadavam rio acima para a desova.

Os grupos humanos se adaptaram às florestas em expansão, habitando planícies fluviais, sítios litorâneos, margens de lagos e a tundra setentrional remanescente, mas, com o tempo, aprenderam maneiras inventivas de conviver com elas. Com o inusitado sistema de montanhas, vales, colinas ondulantes e platôs comprimidos num espaço relativamente pequeno, a topografia da Europa propiciou o estabelecimento sazonal dos grupos humanos, como foi o caso de Star Carr. Já não se tratava do povo 100%



Há oito mil anos, depois de um rápido aumento de temperatura, a mesma área foi dominada por uma densa floresta à qual os nossos ancestrais tiveram de se adaptar.

nômade dos primeiros tempos, mas de grupos que se deslocavam das terras baixas que habitavam no inverno, quando a ausência da densa vegetação rasteira facilitava os movimentos da caçada, para as terras altas que ocupavam no verão. A Europa do mesolítico tardio (há 6 mil anos) tinha assentamentos menos numerosos, porém maiores, cada um com seu conjunto de satélites ou postos avançados. À medida que os europeus aprendiam a explorar as variações do ambiente, o tamanho da população se recuperou do declínio imposto pelas densas florestas do período pós-glacial.

A mudança dos padrões de assentamento ocorrida há cerca de 6.500 anos coincidiu com a das práticas de sepultamento, que passaram de locais individuais a coletivos. O maior cemitério mesolítico da Europa Ocidental, localizado em Carbeço da Arruda, Portugal, tem mais de 170 túmulos; outras necrópoles encontradas têm mais de cem túmulos, um indicativo

de sociedades sedentárias e maior interesse pelo destino dos mortos. Os cemitérios do mesolítico tardio constituem novas pistas sobre as mudanças na sociedade humana — vestígios de assentamentos maiores (Skateholm e Vedbaek, por exemplo) apresentam uma gama notavelmente mais ampla de doenças, como artrite e cáries principalmente, mas também hiperosteose e raquitismo, do que os de grupos mais móveis (Grotta dell'Uzzo, Arene Candide), que apresentam indícios de cáries, mas não muito mais. Ao que parece, grandes assentamentos permanentes implicavam maior exposição a doenças parasitárias e infecciosas.

Os túmulos mesolíticos continham ornamentos feitos com partes de animais, como brincos de dentes, mas também efígies de animais e humanos, arpões, pentes, lanças e machados — cerca de quatrocentos artigos foram achados em alguns túmulos. O uso de imagens simbólicas que incluem figuras humanas, marcantes na execução e no efeito, foi uma notável mudança em relação à arte paleolítica, em que predominava a representação natural de animais. As figuras mesolíticas já não são naturalistas e é notável o uso da linha e da forma para transmitir movimento e dramaticidade.

Muitos dos sítios mesolíticos mais desenvolvidos da Europa foram encontrados em sua franja atlântica — na faixa costeira que vai de Portugal à Bretanha, nas Ilhas Britânicas e no Sul da Escandinávia —, levando a especulações sobre a existência de uma cultura atlântica distinta. A variedade e o volume das fontes de alimentos eram, com certeza, imensos e foram plenamente explorados. Em sítios mesolíticos da ilha de Risga, litoral de Argyll, Escócia, encontraram-se vestígios de todo tipo de conchas, mas também de cascarras, cações, arraias, congros, tainhas, hadoques, pargos, alcas, gaivotas, gansos, cormorões, tordas-mergulhadeiras e *gillemots*, além de focas-comuns e focas-cinzentas. Milhões de conchas descartadas foram encontradas em Ertebølle, Dinamarca, um sítio que foi provavelmente ocupado durante setecentos ou oitocentos anos.

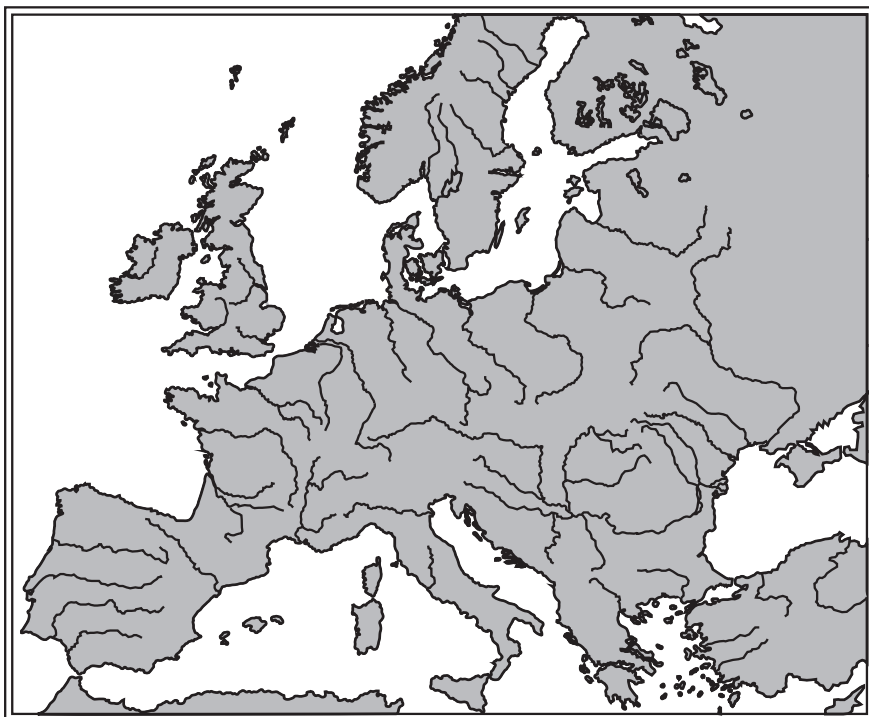
Embora os primeiros barcos marinhos não se tenham preservado, a presença de peixes que se alimentam no fundo do mar, como bacalhaus, hadoques e arraias, deixa claro que barcos feitos de peles esticadas sobre estruturas de madeira (similares aos tradicionais coracles da Irlanda ocidental) eram usados no mesolítico. Barcos fluviais feitos com troncos únicos ou pranchas de carvalho atadas com fibras de teixo e salgueiro foram encontrados em North Ferriby e Humber. Os primeiros cemitérios

organizados da Europa Ocidental ficavam também próximos à costa atlântica, favorecendo a hipótese de que uma cultura marítima distinta teria existido nessa região onde o alimento era abundante.

O FIM DO PERÍODO MESOLÍTICO na Europa é marcado pelo advento da agricultura — o efeito da chamada *Revolução Neolítica*. Durante 30 mil dos últimos 36 mil anos, a Europa Central, Ocidental e Setentrional foi habitada exclusivamente por caçadores-coletores. Nesse período, o ambiente natural do continente — o clima, a vegetação, até mesmo a forma e extensão do território — mudou radicalmente. A sobrevivência da população humana dependeu de sua capacidade de adaptar-se a esse mundo em transformação. Em contraste, nos últimos 6 mil anos foram poucas as mudanças naturais, ao passo que o ambiente foi drasticamente alterado pela intervenção humana.

Há cerca de 9 mil anos, as práticas da domesticação de animais e da agricultura começaram a surgir no Sudeste europeu. Durante os 3.500 anos seguintes, tais práticas se estenderam para o norte e o oeste, cruzando o continente, chegando à Europa Central e Ocidental há 7.500 anos e aos seus extremos cerca de 2 mil anos depois. Mas a disseminação da agricultura foi um processo intermitente, bastante revelador das complexidades subjacentes à sociedade europeia existente.

Os caçadores-coletores europeus aprenderam a explorar as variações de pequena escala em seu hábitat, mas a geografia da Europa como um todo teve também um papel capital em sua história humana. Uma vasta planície de terras baixas se estende do Atlântico aos Urais, cortada por rios que correm para o norte e para o sul, proporcionando fronteiras naturais e facilidades de transporte. As cadeias montanhosas são altas o bastante para servirem de baluartes defensivos, mas nenhuma é tão extensa que não possa ser atravessada por humanos. A costa europeia, com sua imensa quantidade de baías abrigadas, estuários, angras e ilhas costeiras (mais de 10 mil) e distâncias relativamente pequenas entre desembarcadouros seguros favorece o deslocamento por mar e o comércio, além de propiciar o crescimento de comunidades independentes voltadas para o mar, mas também protegidas de ataques por terra. Itália, Grécia, Escandinávia, Portugal, Espanha, França, Grã-Bretanha e Irlanda possuem uma miríade de ilhas e vales quase inexpugnáveis por terra e de fácil acesso por mar.



Os mapas modernos mostram aspectos do território com os mares em branco, porém, para nossos ancestrais, os mares e rios do ocidente serviam como autoestradas, proteção e inesgotável fonte de alimentos.

É quase certo que a agricultura foi trazida para a Europa por pequenos grupos imigrantes vindos por terra desde o sudeste ou seguindo a costa do Mediterrâneo para o oeste e depois o norte. Não se tratava de caçadores nativos que aprenderam novas técnicas, mas de forasteiros que traziam sua própria cultura, seus animais domésticos e seus cultivos. As variedades de trigo, cevada e painço cultivadas na Europa durante milhares de anos eram oriundas do Oriente Próximo, assim como as raças de ovinos e caprinos domesticados. Nas regiões densamente florestadas da Europa Central e Ocidental, os imigrantes, tendo encontrado poucos grupos de caçadores, puderam (depois de limparem o terreno queimando arbustos e derrubando árvores) alimentar animais e cultivar vegetais no fértil solo loesse das planícies aluviais dos rios Danúbio, Vístula, Oder, Elba, Reno, Garonne e Ródano e sua miríade de afluentes. Os agricultores construíram grandes *longhouses* com quinze a trinta metros de comprimento por seis a sete

metros de largura, às vezes dispostas em grupos e quase sempre privadas de qualquer estacada defensiva. Os primeiros assentamentos agrícolas eram agrupados, como os do vale Merzbach, perto de Colônia, Alemanha. Esses povos trouxeram também a cerâmica conhecida como campaniforme (a do tipo linear veio pela Europa Central; a estampada, pelo Mediterrâneo ocidental); embora tenha sido também encontrada em sítios de caçadores-coletores, a cerâmica era muito mais comumente utilizada pelos agricultores.

A disseminação da agricultura foi comparativamente rápida na Europa Central (há 7.500-7.000 anos), mas quando os agricultores chegaram ao norte e noroeste se deu uma interessante mudança. Em primeiro lugar, na franja setentrional da Europa, eles encontraram solos de areia e cascalho impróprios para o cultivo — os habitantes da zona costeira que vai da Holanda à Polônia continuaram dedicados à caça e à pesca por cerca de quase mil anos. Em segundo lugar, na franja atlântica, eles toparam com um grupo já assentado e desenvolvido de comunidades de caçadores-pescadores que não tinham necessidade urgente de técnicas agrícolas. A reunião, por via da imigração ou da difusão cultural, dos povos agricultores com a cultura atlântica preexistente parece ter sido responsável por um assombroso fenômeno que não tem paralelo na história europeia.

POR TODA A PAISAGEM da Europa Ocidental e no norte assoma um conjunto vasto e profundamente misterioso de monumentos de pedra cuja escala, variedade e cuidadosa construção desafiam o nosso entendimento do mundo ocupado e criado por nossos ancestrais. Nem os caçadores-pescadores nativos nem os pastores adventícios jamais haviam produzido nada do gênero e com tais dimensões e tampouco aparecem em qualquer outro lugar do continente europeu — esses monumentos são o produto de uma cultura singularmente ocidental-europeia. Por volta de 6.800 anos atrás começaram a surgir, no litoral ibérico e na Grã-Bretanha, tumbas megalíticas em forma de portal, geralmente acompanhadas de imensas pedras eretas às vezes decoradas com entalhes. São monumentos concebidos para uso contínuo, com túmulos dispostos ao longo de um corredor central. Entre 6.500 e 5.500 anos atrás, ao mesmo tempo que a agricultura se estendia para oeste, monumentos megalíticos eram construídos nos litorais atlânticos da Grã-Bretanha e da Irlanda. Um longo sítio funerário aparece em Wessex. Os mais notáveis exemplos de túmulos megalíticos são os de

Newgrange e Knowth, na Irlanda, os círculos de pedra de Callanish, na Ilha de Lewis, os túmulos de Maes Howe, as casas de pedra de Skara Brae e os menires de Howe, Brogdar e Stenness, Ilha de Orkney, Escócia, todos erguidos entre 6 mil e 4 mil anos atrás.

A quantidade de trabalho e engenho envolvidos na construção desses monumentos foi prodigiosa. O Grande Menir de Locmariaquer, na Bretanha, França, é uma pedra vertical que pesa 348 toneladas e teria demandado o emprego de 2 mil homens para arrastá-la desde a sua origem, ao passo que o túmulo megalítico de Newgrange, em Meath, Irlanda, é coberto por 200 mil toneladas de cascalho e terra. No alto da pedra superior sobre a entrada de Newgrange há uma pequena abertura feita de tal modo que, ao alvorecer do solstício de inverno de 5 mil anos atrás, um raio de sol se projetava sobre o corredor e iluminava uma espiral tripla esculpida na parede da câmara mortuária principal. A câmara de Maes Howe (c. 4.800 anos de idade) é feita de lajes de pedra ajustadas com extraordinária precisão, encimadas por um teto em mísulas e tal como Newgrange se alinha com o sol no solstício de inverno.

Depois de Orkney, Escócia, a região inglesa de Wessex também passou por uma época de construção de monumentos. São cinco complexos (Avebury é o mais conhecido) erguidos ao redor de um monumento central. Vários sítios mortuários de grande tamanho e a enorme Silbury Hill foram construídos por volta dessa época. A primeira construção em Stonehenge data de cerca de 5 mil anos. Cerca de mil anos depois foram erguidos os doleritos azulados trazidos de Gales ocidental. Os trilíticos foram então acrescentados e as pedras redistribuídas em círculo, ou ferradura, completando Stonehenge como centro de um conjunto ritual que ia da costa do Canal até os Chilterns, inigualado na Europa pré-histórica. O transporte das pedras desde Gales ocidental e os entalhes nos acessos, em forma de espiral, quadrado e asna, revelam fortes conexões entre grupos distintos, separados por consideráveis distâncias. A presença de cerâmica estriada em lugares tão afastados quanto Orkney e Wessex demonstra a dimensão da rede cultural dessa sociedade, ao passo que os lugares em si mesmos mostram que, para os nossos ancestrais, o extremo norte e o noroeste da Europa não eram uma região remota, mas um território com rica e sofisticada cultura própria.

A sofisticação da sociedade neolítica é confirmada por indícios de comércio a longa distância. Uma coleção de machados de pedra encontrados

nos montes Peninos, Norte da Inglaterra, contém amostras oriundas de “fábricas” de machados estabelecidas no Norte da Irlanda, em Gales do Norte, na Cúmbria, na fronteira da Escócia, no sudoeste da Inglaterra, nas Midlands, em East Anglia e, possivelmente, em Sussex. Na encosta do Pico de Stickle, Cúmbria, jazem 450 toneladas de lascas, detritos da fabricação de 45-75 mil cabeças de machados.

Os monumentos neolíticos da franja atlântica foram um elemento central na vida de nossos ancestrais. Seu processo de construção e sua permanência tiveram seguramente uma grande importância. Se seus componentes astronômicos demonstram uma cultura sofisticada e contínua, os monumentos em si mesmos constituem a afirmação de um profundo vínculo com o território e com os mortos. Embora a sua construção tenha cessado há cerca de 4.400 anos, esses grandes cômoros e monumentos foram durante milênios um aspecto dominante da paisagem que muito provavelmente conservou, geração após geração, algum significado espiritual para os descendentes daqueles que os construíram.

A INTRODUÇÃO DA AGRICULTURA na Europa foi rapidamente seguida de uma importante inovação tecnológica — a fundição. Valendo-se das técnicas de aquecimento intenso indispensáveis ao cozimento da cerâmica, é provável que a fundição tenha se desenvolvido independentemente no Oriente Próximo, no Sudeste da Europa e na Península Ibérica no período compreendido entre 7 mil e 6 mil anos atrás. Os metais fundidos, principalmente o cobre e o ouro, foram inicialmente usados em decoração e ornamentação. Um cemitério de 6 mil anos de idade encontrado em Varna, no litoral búlgaro do mar Negro, continha seis quilos de ouro e peso ainda maior em cobre; em Almeria, Espanha, encontrou-se cobre datado de 6.500 anos.

Embora a metalurgia possa ter tido origem independente, há cerca de 5.000 anos o desenvolvimento das sociedades urbanas mesopotâmicas começou a afetar a Europa por meio da demanda de bens e da difusão de técnicas. Moldes de duas peças e ligas de cobre-arsênico, veículos providos de rodas, arados leves e ovinos lanígeros, cavalos domesticados e casas de madeira relativamente sólidas chegaram à Europa nesse mesmo período. Diferentes regiões os acolheram segundo suas necessidades, mas depois de 3000 a.C. a Europa já exibia uma cultura mais unificada, dedutível das práticas fúnebres comuns. Técnicas de derrubada e queimada propiciaram

a substituição da horticultura de pequena escala. A extração de pederneiras para o fabrico de machados aperfeiçoou o desmatamento.

O desmatamento, o cultivo em larga escala e o arrebanhamento de animais domésticos intensificaram e aceleraram a mudança da paisagem por força da ação humana. Seus efeitos locais foram às vezes profundos e duradouros. O descampado de North York Moors, no Nordeste da Inglaterra (poucos quilômetros ao norte de Star Carr), foi antes do advento da agricultura uma floresta mista. Os antigos agricultores iniciaram a derrubada e queimada de árvores com a finalidade de abrir clareiras para o plantio e o encurralamento de veados selvagens e animais domesticados. O resultado, ao longo de alguns séculos, foi privar o solo fino e frágil de seus nutrientes e sua base estrutural. Cerca de quinhentos quilômetros quadrados de terras inutilizadas para o cultivo, a relva e a cobertura arbórea original foram abandonadas pelos humanos e se tornaram, e assim são até hoje, um vasto urzal pantanoso que só serviu para preservar suas centenas de túmulos neolíticos. (Ironicamente, a prática que arruinou a terra para o cultivo forjou um sertão cuja beleza é hoje altamente valorizada.) A transformação da Europa num continente de agricultura intensiva absorveu os construtores de megálitos e monumentos. A antiga cultura monumental só se manteve no Oeste da Grã-Bretanha e na Irlanda. Todavia, o quadro do Ocidente apresentava importantes diferenças com relação ao da Europa Central.

A arqueologia contemporânea enfatiza que é preciso considerar a adoção da agricultura pelos caçadores e coletores nativos como uma série de escolhas sobre como obter alimentos. Essas escolhas foram particularmente complexas em regiões como a costa atlântica. O que era mais produtivo: sair ao mar em busca do peixe; apanhá-lo com armadilhas; coletar produtos vegetais no litoral; desflorestar para plantar milho; entrar na floresta à caça de veados e javalis ou domesticar animais? As respostas teriam sido diferentes em outras épocas e lugares e não fluíam inexoravelmente para a adoção da agricultura. Já se disse também que a agricultura foi, em muitos casos, desvantajosa, pois que implicou a troca de uma vida de alternância entre a caçada e o descanso por outra de labuta incessante que favorecia o agrupamento, mas só beneficiava os que detinham o poder sobre essas comunidades ampliadas, o que talvez fosse menos verdadeiro para os agricultores do Oeste da Europa, onde o tamanho reduzido dos grupos propiciava maior grau de controle sobre a própria produção. Não obstante, à medida que a caça se fez menos abundante, diminuíram também

as opções disponíveis, de modo que há 5 mil anos a Europa tinha deixado de ser uma região de caçadores para se tornar, fundamentalmente, uma região agrícola.

O APARECIMENTO DA FUNDIÇÃO do bronze há cerca de 4 mil anos tornou mais comum a metalurgia. Os metalurgistas europeus aprenderam, provavelmente por meio de contatos com o Oriente Próximo, a técnica básica de combinar o cobre dos montes Harz com o estanho da Boêmia, mas desenvolveram métodos próprios, altamente sofisticados, de transformar o bronze em adagas, taças ornamentais, joias e machados que combinavam beleza e praticidade. Grandes depósitos de objetos altamente sofisticados de bronze e ouro foram encontrados em fantásticos cemitérios da Alemanha central, durante séculos o maior centro produtor de bronze da Europa e motor de uma rede de comércio que abrangia todo o continente. Importavam-se minérios de estanho e cobre da Cornualha, Gales do norte, Irlanda, Bretanha e Península Ibérica e se trocavam os artefatos de bronze por âmbar, peles e produtos de couro da Escandinávia e do Ocidente. Os povos da Europa Central comerciavam também diretamente com o Mediterrâneo oriental.

O uso crescente da agricultura intensiva, a difusão do bronze e outros metais e a abertura de rotas de comércio de longa distância indicam uma cultura unificada sob controle de um poder central. Parece, no entanto, que os pequenos grupos sub-regionais perceberam que fazer alianças lhes proporcionava segurança numa situação em que nenhum deles era forte o bastante para impor aos demais a sua vontade. A difusão da cultura *beaker* (assim chamada devido à cerâmica campaniforme encontrada em seus túmulos) por toda a Europa levou à suposição de que algum tipo de migração em massa, ou conquista, teria ocorrido há cerca de 5.000 anos. Hoje, porém, os arqueólogos acreditam que as redes de comércio da Europa eram suficientemente desenvolvidas para propiciar a difusão das técnicas de cerâmica e de práticas funerárias novas e exóticas, não raro adotadas pelas elites como forma de se distinguir do restante de seu grupo. O surgimento de elites enriquecidas transparece, na Idade do Bronze tardia, nas espetaculares tumbas individuais de Wessex (que se tornara o cômputo da Inglaterra), Bretanha, Irlanda, oeste da Península Ibérica e Alemanha central.

HÁ 3 MIL ANOS A EUROPA era um mosaico de pequenos assentamentos. O trabalho abrangia a agricultura em campo aberto — animais e cultivos

— e o artesanato, metalurgia inclusive. As redes de comércio eram extensas e sólidas — barcos do Mediterrâneo oriental transportavam marfim da África, âmbar do Báltico, vidro da Fenícia, cobre da Península Ibérica e estanho da Cornualha (trazido ao Mediterrâneo por um sistema formado pelos rios Loire, Garonne, Reno e Danúbio). Os laços entre a Europa e as culturas urbanas do Oriente Próximo e Mediterrâneo oriental eram ainda inconstantes, mas o colapso das civilizações minoica e miceniana há cerca de 3.300 anos (ver Capítulo 2) fizeram do Mediterrâneo oriental e ocidental um completo sistema de comércio que iria por sua vez afetar o Oeste da Europa.

O movimento de pessoas, culturas e tecnologias que se seguiu ao colapso de Micenas e à derrubada do Império Hitita é um novelo difícil de desenredar. Algumas teorias sugerem que um grande número de pessoas migrou da Anatólia para o oeste, parte tomando o rumo do Egeu para construir uma nova cultura helênica sobre as ruínas da civilização miceniana, parte seguindo em frente, até se encontrar com a cultura céltica da Europa Central. À luz do que já dissemos sobre a cultura *beaker*, essas teorias devem ser vistas com circunspeção. O que podemos dizer com segurança é que há 3.300 anos novas tecnologias e práticas culturais começaram a se espalhar por uma ampla área da Europa continental.

A produção de bronze obteve um grande impulso, ao passo que os moldes descartáveis de argila facilitaram enormemente o processo de modelagem e o método da cera perdida lhe deu requintes de detalhamento — como a carruagem solar encontrada em Trundholm, Dinamarca. As culturas de trigo e cevada ganharam a companhia das ervilhas e lentilhas, e surgiram novos itens, como a fava, o painço, o linho e a papoula (utilizada na produção de óleo). O mel e o iogurte (este como forma de conservação do leite) foram introduzidos e muito difundidos. Diferentes grupos e regiões se especializaram em outras espécies de animais domesticados — bois, porcos e cabras. Os cavalos se tornaram muito mais comuns e as armaduras de bronze e, mais tarde, ferro passaram a ser vistas como símbolos de *status*.

A mudança que mais chamou a atenção dos arqueólogos foi a introdução, há cerca de 3.300 anos, da cremação dos mortos e do uso de urnas para a deposição das cinzas. A cultura dita *urnfield* se espalhou depressa por toda a Europa, provavelmente uma vez mais por uma mescla de migração limitada e difusão cultural. A cultura *urnfield* da Idade do Bronze tardia

parece estar intimamente ligada ao surgimento de um povo, uma cultura em qualquer caso, a que damos o nome de celta. A sobrevivência da cultura celta até os tempos históricos (e de seus vestígios até nossa época) nos proporciona um vínculo fantástico com o passado pré-histórico, embora hoje se tenha como provável que os próprios celtas, os ocidentais em particular, sejam descendentes e herdeiros de uma cultura ainda mais antiga.

A história dos celtas destaca o antigo problema da migração e da difusão. Teriam os celtas vindo para o oeste desde o Cáucaso e se espalhado pelo continente antes de serem empurrados para o extremo oeste por outros grupos de imigrantes? Ou teriam certas práticas culturais sido absorvidas pelas sociedades existentes? Essa última explicação tem ganhado força nos anos recentes, abrindo a fascinante possibilidade de que uma cultura e um povo europeu ocidental (mesmo tendo absorvido uma série de influências) já existiam desde o mesolítico e mesmo antes. A nossa cultura é uma mescla histórica cujas origens podem ser, todavia, muito mais antigas do que estamos habituados a considerar.

Entre 3 mil e 2.700 anos atrás, a fundição do ferro e o comércio de objetos desse metal se tornaram comuns em toda a Europa — foi o começo da Idade do Ferro. A cultura e as inovações celtas estavam então firmemente estabelecidas no Sul da Alemanha. Há 2.450 anos (o começo do período conhecido como La Tène) os celtas comerciavam com as colônias gregas do Mediterrâneo ocidental e com os etruscos, da Itália. A cultura celta se disseminou a partir do Sul da Alemanha e da Boêmia, e sua arte já começava a exibir seu característico estilo fluido e curvilíneo. Artesãos de toda a Europa Central e mais além começavam a mostrar extraordinária técnica, originalidade e capacidade de inovação na metalurgia do ferro.

No século IV a.C. (ou seja, há 2.400-2.300 anos), comunidades celtas cruzaram os Alpes em migração definitiva para o vale do Pó, a Macedônia, mais a leste, e a Grécia, ao sul, chegando a alcançar a Ásia Menor. Ao mesmo tempo, a cultura celta se espalhava para oeste até a costa do Atlântico, mas parece duvidoso que também isso se devesse à migração do povo celta. Os achados arqueológicos indicam que os celtas do Ocidente viviam agrupados com os da Europa Central. Mas na Bretanha e Grã-Bretanha, por exemplo, a continuidade das tradições locais foi muito mais dominante do que as importações da cultura La Tène. Parece que a cultura celta do extremo ocidental da Europa era uma variante distinta da cultura continental e talvez sequer usasse a mesma língua. Os celtas do Ocidente

eram mais provavelmente descendentes do povo atlântico do mesolítico e de mais atrás do que dos migrantes da Idade do Ferro; ao contemplarmos a cultura celta podemos estar vendo fragmentos de costumes originários do paleolítico.

A sociedade celta era essencialmente agrícola. Os primeiros assentamentos compreendiam uma ou mais *longhouses*, cada uma ocupada por uma família estendida e seus animais, com espaço também para o trabalho com o couro, a madeira e o metal, tudo sob o mesmo teto. Com o passar do tempo, a *longhouse* foi substituída por residências unifamiliares dotadas de construções separadas para os animais, o armazenamento dos grãos e o artesanato. No século I a.C. as casas tinham cômodos separados para cozinhar e dormir. À medida que a experiência era transmitida de uma geração para a seguinte a agricultura ia se tornando mais intensiva. A especialização do trabalho aumentou para que indivíduos e famílias pudessem transacionar seus bens e serviços. A população cresceu com o aumento da produtividade agrícola e o início da divisão da terra com limites físicos formais. As aldeias, onde o comércio e a comunidade podiam prosperar e a terra ser consensualmente partilhada, se tornaram mais comuns e os sistemas de campos agrícolas da Europa cada vez mais firmemente estabelecidos.

Havia também assentamentos fortificados. Alguns eram usados como refúgio, outros como lugares de residência permanente e uma menor quantidade reservada, quiçá, para certos grupos de elite. As colinas fortificadas que aparecem em certa faixa do centro-norte e Oeste da Europa, incluindo o Sul da Grã-Bretanha e o Norte da França, foram quase todas abandonadas depois de mais ou menos 400 a.C., ainda que algumas tenham sido habitadas até o século I a.C. Vários sítios datados entre 200 e 50 a.C. revelam aldeias artesãs com manufatura intensa e em larga escala de tecidos, pregos de ferro, artefatos de vidro, osso e cerâmica, broches metálicos e moedas. Todavia, os mais notáveis dentre os sítios celtas são os *oppida* — grandes assentamentos em recintos defensivos com área de vinte a trinta hectares, mas que podiam chegar a ter seiscentos hectares; um deles, localizado em Heidengraben, nos montes Jura, tinha 1.500 hectares. (A Paris medieval ocupava, no ano 1210, 250 hectares.) No interior do *oppidum*, as casas tinham suas próprias cercas e davam para ruas.

A cultura celta da Europa continental foi severamente afetada pela conquista romana e pela adoção da cultura germânica. Todavia, no extremo ocidental da Europa ela permaneceu (adotada e transformada pelos povos

nativos) intacta até a era da história escrita e, em alguns aspectos pelo menos, os nossos dias. A Irlanda, em especial, reteve fortes costumes celtas mesmo com a adoção do cristianismo. Por conseguinte, os relatos históricos da sociedade irlandesa nos dizem alguma coisa a respeito da cultura pré-histórica do Ocidente europeu. A sociedade era, no essencial, mais ou menos dividida em grupos sociais hierarquizados, unidos por complexas redes de parentesco. No alto da hierarquia ficava a família ampliada da qual se escolhiam os monarcas. O costume de se adotarem os bem-dotados e talentosos (também seguido pela elite romana) implicava que a “família real” incluía muitos indivíduos estranhos à sua linhagem. Permitir que filhos adotivos se candidatassem à sucessão, sem se observar o princípio da primogenitura, era uma maneira inteligente de assegurar a alta qualidade da liderança. Não raro eram as mulheres as líderes das famílias, às vezes selecionadas como governantes — Maeve, da Irlanda; Cartimandua, dos brigantes; e Boadiceia, dos icenos. Abaixo dos monarcas na hierarquia social estavam os chefes de clãs, similares em *status* à classe dos druidas, bardos e artesãos, e artistas de talento. A maioria da população era constituída de plebeus* — pequenos agricultores e artesãos —, muitas vezes descritos como “homens livres”, cujos direitos e obrigações eram claramente estabelecidos pela lei consuetudinária.

O direito consuetudinário, na prática o conjunto de regras que regulavam a vida coletiva e seu governo, aparece em todas as sociedades. Muitos costumes europeus datam provavelmente do início da era neolítica, senão antes. Em algumas partes da Europa (Irlanda, Gales e Inglaterra, em especial) esses costumes sobreviveram como direito consuetudinário, em outras foram consolidados como um conjunto formal de regras constitucionais. O fundamento principal do direito consuetudinário era a noção de que o indivíduo devia ser considerado no contexto da sociedade ou, mais especificamente, da intrincada rede constituída pela família ampliada. Quando se cometia um crime, era a família (no sentido mais amplo de grupo ligado por laços de parentesco) que fazia a reparação. Por conseguinte, cabia à família guiar seus membros em obediência às leis consuetudinárias e estabelecer suas punições. Os membros da família compartilhavam direitos e responsabilidades, pagavam as penalidades uns dos outros, assim como

* *Commoners*, no original. (N.T.)

lhes reclamavam as heranças e venciam ou caíam juntos. As disputas entre grupos familiares eram em geral resolvidas conforme o costume e as situações de conflito, cuidadosamente administradas, sempre de acordo com o costume. Dois grupos de homens se punham frente a frente num campo; os chefes ou campeões avançavam, se insultavam e se enfrentavam em combate individual. Ao final, as forças se dispersavam ou se engalfinhavam numa refrega generalizada. Além de satisfazer as queixas de ambas as partes, essa diligente coreografia servia também para manter em níveis mínimos a violência destrutiva, coisa muito diversa, como veremos, do método grego e romano de fazer a guerra.

A vibrante mitologia dos celtas ocidentais e as lendas de seus reis sobreviveram até os tempos históricos, mas a tradição druídica do segredo tornou um tanto opacos os seus rituais e sistemas de crenças. Sabemos, no entanto, que era firme a crença na vida após a morte e que a viagem ao submundo — em meio a paisagens fabulosas e estranhas aventuras — era um dos grandes temas das lendas celtas. O conteúdo dessas lendas guarda estreita relação com a fluidez da arte celta, repleta de ambiguidades e paradoxos, como animais que se transformam entre volutas de desenho intrincado a ponto de confundir os olhos do observador. Na literatura celta abundam os enigmas: pessoas e deuses circulam com tal facilidade entre os mundos natural e sobrenatural que parece não existir barreira entre as duas esferas. Para os celtas, o mundo era um lugar absolutamente encantado.

O lugar para onde se ia depois de morrer era chamado de *Tir inna beo*, “o mundo dos vivos”: um paraíso onde não existiam a velhice e a doença, a música provinha da terra, e a comida e a bebida apareciam nos recipientes como por encanto. Esse mundo estava em toda parte — no mar, dentro da terra, nas cavernas, florestas e lagos. Os deuses celtas habitavam lugares que evocam a experiência espiritual — bosques e florestas sagradas, lagos escondidos, fontes, rios e nascentes. Oferendas foram recuperadas de sacrários em Sequana (a nascente do Sena), Llyn Cerrig Bach, em Anglesey, na fonte de Carrawburgh, perto da Muralha de Adriano, que foi santuário da deusa celta Coventina, e no poço de Segais, nascente do rio Boyne, Irlanda. O escritor romano Estrabão conta que os romanos pilharam magníficos tesouros em lugares sagrados, e Lucano afirma que César mandou derrubar uma floresta sagrada nas imediações de Marselha.

Cada comunidade celta tinha, provavelmente, os seus próprios deuses (conhecem-se mais de quatrocentos nomes de deuses celtas), todos com

notáveis atributos. Ocasionalmente um único deus representava tudo o que era sagrado. Alguns animais eram sagrados, como o touro (às vezes mostrado com três chifres), o cervo, o javali, o cavalo, a lebre e o ganso. A cabeça humana, presença constante nos mitos e entalhes celtas, tinha um profundo significado espiritual. Nós associamos tudo isso aos celtas. Mas se a cultura céltica ocidental é, como parece, contínua desde a Idade do Bronze e as culturas monumentalistas que a precederam, portanto desde os primeiros povos que habitaram o Ocidente, então essas crenças são o legado de dezenas de milhares de anos de cultura.

A CULTURA CÉLTICA LA TÈNE que se espalhou pelo Oeste da Europa não penetrou a faixa costeira que hoje abarca o Norte da Holanda, a Alemanha, a Dinamarca e a Polônia. A cultura dos povos nativos desse território intimamente ligado ao ambiente aquático se manteve, ao que parece, resistente à influência externa. Para os autores romanos posteriores, esses eram os povos germânicos. Em 320 a.C., o viajante grego Piteu, que circunavegou a Grã-Bretanha, distinguiu os “germanoi” do Norte e Centro da Europa dos “keltoi” do Oeste, mostrando que a cultura dos primeiros já havia suplantado a dos segundos no coração do continente. Era a cultura dos povos germânicos, não a dos celtas (e gregos e romanos), que iria dominar a história ulterior da Europa.

Os povos germânicos do Oeste compreendiam os anglos, os saxões, os francos, os frísios e os alamanos; a sua língua deu origem ao inglês, alemão e holandês. Um grupo oriental que compreendia os ostrogodos, visigodos, vândalos e burgúndios foi dar em diferentes partes da Europa Ocidental, mas suas línguas não sobreviveram. Um grupo do Norte foi o ancestral dos povos escandinavos de hoje e seus idiomas. A história desses povos, difícil de traçar, nos coloca uma vez mais frente às complexidades dos processos de migração e difusão cultural. Acredita-se que em 300 a.C. as tribos góticas haviam migrado para o território que se estende do Danúbio ao Don — as tradicionais terras de pasto e caça dos povos nômades do Oriente —, ao passo que os povos germânicos ocidentais haviam migrado para o sul espalhando-se pela Alemanha central dos dias de hoje (os alamanos) e para o oeste até os países baixos (os francos).

A maior parte das nossas ideias sobre os povos germânicos provém dos escritos de seus adversários romanos — embora alguns, como Tácito, tenham louvado esses bárbaros para tecer considerações políticas sobre as

fraquezas da própria Roma. Tácito escreveu *Germania* no ano 98 d.C., quando Roma governava as províncias da Germânia Inferior e Superior, na margem ocidental do Reno, e se mostrou impressionado com a prática das assembleias regulares: “Questões de menor importância só os chefes discutem; grandes questões, toda a comunidade. Mesmo quando a decisão cabe à plebe, o assunto é tratado de antemão pelos chefes (...) Se uma proposta desagrada ao povo, ele grita em discordância; se agrada, ele bate as lanças (...), a Assembleia é competente também para discutir acusações criminais, especialmente quando está em jogo a pena capital (...). A mesma Assembleia elege, dentre outros representantes, os magistrados que ministram a justiça nos distritos e aldeias.” Tácito aprovava também a tradição de hospitalidade da Germânia: “É considerado ofensa recusada acolhida a quem quer que seja. O anfitrião recebe o visitante com a melhor refeição que seus meios lhe permitem.” Júlio César observou que os chefes e magistrados germânicos alocavam terras aos agricultores pelo prazo de um ano para não haver acumulação de riqueza, vista como uma ameaça à coesão da sociedade.

Os achados arqueológicos de um sítio conhecido como Feddersen Wierde, vestígios de uma aldeia saxã que existiu entre os anos 50 a.C. e 450 d.C., nos dão um vislumbre da vida germânica. Aveia e centeio eram cultivados em campos de inundação sazonal com práticas de fertilização e rotação de culturas. Os povos germânicos tinham conhecimento das cidades romanas e dos *oppida* celtas, mas preferiam viver em pequenas aldeias — assentamentos de cem a quinhentos habitantes com pelo menos um lugar de reunião ou salão comunal.

Os germânicos não erguiam templos para os seus deuses por achar absurda a ideia de confiná-los dentro de construções; tal como os celtas, eles consideravam sagrados certos bosques onde a presença de Wodan, líder dos deuses, podia ser mais claramente sentida. As intrincadas histórias dos deuses germânicos e nórdicos com suas incursões ao mundo da humanidade e suas mudanças de forma e substância chegaram até nossos dias. E o mais interessante, à luz do que se deu mais tarde, é que essas histórias fazem parte de um drama mais amplo que começa com a criação do mundo natural e termina com *Gotterdämmerung*, ou *Ragnarok*, o crepúsculo dos ídolos, batalha final em que deuses e heróis são massacrados.

A cultura germânica tardia floresceu em boa parte da Europa, em especial depois da dissolução do Império Romano do Ocidente. A cultura

franca de boa parte da Europa Ocidental e a cultura anglo-saxã da Inglaterra tiveram raízes na Alemanha, mas a transformação da Inglaterra de cultura celta em cultura saxã ocidental é um bom exemplo de como o mito e a história se confundem. Gerações de escolares têm aprendido que ondas de invasores da Jutlândia e da Saxônia ocidental se derramaram sobre o Leste e o Sul da Grã-Bretanha durante a retirada dos romanos, que os habitantes celtas das terras baixas foram então forçados a retornar aos extremos oeste e norte — Cornualha, Gales e Escócia — e que a Inglaterra (terra dos anglos) foi ocupada por um povo que se tornou conhecido como anglo-saxão. Essa história essencialmente inverídica foi quase que inteiramente criada no século VII (isto é, trezentos anos depois) por Bede. Parece provável que a versão, contida em sua *História Eclesiástica da Inglaterra*, de um orgulhoso povo pagão assentado na Inglaterra e convertido ao cristianismo teve a finalidade de promover a ideia da Inglaterra como um reino único. Não apenas a invasão em massa do Sul e Leste da Grã-Bretanha pelos anglos e saxões jamais aconteceu como pairam dúvidas sobre se a Grã-Bretanha teve algum dia habitantes anglo-saxões. Aldeias do período anglo-saxão da Grã-Bretanha descobertas em sítios datados da Idade do Bronze — em West Heslerton, Yorkshire e em Lakenheath e West Stow, Suffolk — mostram continuidade de costumes, não mudança radical. No cemitério anglo-saxão de West Heslerton, situado entre os cômodos funerários da Idade do Bronze, mais de 80% dos duzentos vestígios humanos descobertos eram de pessoas de ascendência celta, ou britânica antiga, e nenhuma delas teve morte violenta ou ferimentos significativos. Essa parece ter sido uma comunidade pacífica e estável de cerca de cem pessoas que se sustentavam razoavelmente bem com o que havia nas terras circundantes.

Já se pensou que os recém-chegados à Grã-Bretanha foram atraídos pelos sítios antigos, não romanos, mas são fortes os indícios de assentamento contínuo nesses sítios durante todo o período de ocupação e retirada romana. Os arqueólogos hoje acreditam que o povo do Sul da Grã-Bretanha conservou a estrutura da sua sociedade durante a ocupação e, a partir do século V, adotou a cultura de um número relativamente pequeno de imigrantes e adventícios germânicos, resultando daí uma combinação das culturas britânica e germânica — a língua, por exemplo, germânica no vocabulário e céltica na construção. Processo similar talvez tenha acontecido na região dos Países Baixos e no Norte da França, onde

os francos, povo de origem germânica ocidental, se espalhou pelos antigos territórios celtas da Gália.

O aspecto físico mais importante das culturas ágrafas do Oeste da Europa, e também o mais facilmente omitido pelos modernos humanos ligados à terra, talvez seja a sua íntima ligação com a água. Ao olhar um mapa da Europa Ocidental, experimente se concentrar não nas terras, mas naquilo que as separa. Para os povos do Ocidente, o mar, rios e lagos eram as estradas, e as praias, baixios e lagunas, as fontes de alimento. Litorais, deltas e estuários eram vistos dos barcos, não do alto dos penhascos ou das margens dos rios.

Os ocidentais eram carpinteiros altamente qualificados, capazes de construir casas tão resistentes às intempéries quanto qualquer *villa* romana e barcos jamais aperfeiçoados. Navios enterrados, como o de Nydam, no Sul da Dinamarca, datado do ano 320 d.C., têm projetos tão bem desenvolvidos e executados quanto os barcos vikings de mil anos depois. O famoso barco enterrado de Sutton Hoo, Suffolk, era capaz de alcançar o assentamento fluvial de York ou o litoral sul da Inglaterra em algo como um dia de viagem e a costa da França em dois dias. As estradas romanas são relíquias famosas da história da Europa, mas, para os povos nativos, tanto antes quanto depois da ocupação romana, elas foram uma opção vastamente inferior ao Reno, Maas, Scheldt, Sena, Loire, Garonne, Ródano, Douro, Tagus, Guadalquivir, Tâmis, Trent, Humber e mil outros rios menores, assim como às águas costeiras do Báltico, do Mar do Norte e do Atlântico.

Grandes barcos enterrados, como o de Sutton Hoo, que continha mais de 250 peças de joalheria de fino artesanato datadas por volta do ano 625, mostram a centralidade do mar. A joalheria de Sutton Hoo exhibe as mesmas formas cambiantes encontradas na arte céltica, nos broches, joias e entalhes saxões e em iluminuras — os evangelhos de Lindisfarne (ornados cerca de um século depois do último enterro de Sutton Hoo) contêm uma combinação de imagens célticas e anglo-saxãs apostas a um texto cristão em latim. *Beowulf*, a mais conhecida relíquia da cultura oral anglo-saxã, é um eco direto de Sutton Hoo, uma vez que começa com um funeral em que o corpo do rei é deixado à deriva num navio repleto de tesouros e termina com o enterro das cinzas de Beowulf num promontório sobranceiro ao mar. Esses eram povos navegantes, ligados por uma cultura milenar que precedeu e sobreviveu às incursões de Roma.

* * *

A ARQUEOLOGIA e a antropologia (o estudo da humanidade como espécie) se tornaram disciplinas autênticas no fim do século XIX, época em que os europeus acreditavam piamente no progresso da humanidade com eles próprios e sua sociedade na vanguarda. A história da humanidade foi moldada a uma mentalidade para a qual a distância da Europa Ocidental era o mesmo que distância no tempo histórico, de modo tal que os povos da Tasmânia, África do Sul, Alasca e Patagônia eram remanescentes dos primórdios da humanidade — o equivalente aos ancestrais dos europeus. O progresso podia ser traçado num mapa como se fosse uma linha do tempo. Os ilustradores científicos do começo do século XX inventaram a imagem do homem das cavernas com clava de madeira e tanga de pele animal, nenhum dos quais fora ou foi jamais descoberto pelos arqueólogos. Como a divisão dos períodos arqueológicos foi originalmente baseada em achados de ferramentas, os aperfeiçoamentos tecnológicos se tornaram o guia óbvio do aperfeiçoamento geral, ou progresso, dos antigos europeus no transcurso do tempo. Foi necessário o meticuloso trabalho de milhares de arqueólogos e antropólogos para derrubar essa pura ficção e construir uma visão mais complexa, nuançada e — por que razão não dizer — interessante do nosso passado ancestral.

Os distintos habitats europeus permitiram que os caçadores-coletores se adaptassem a condições inconstantes. Tornou-se claro que os sistemas de assentamento dos primeiros hominídeos de Neandertal e paleolíticos eram infinitamente mais complexos do que se pensava havia somente 50 anos. A gama de ambientes habitados pelos primeiros europeus minou severamente a noção de progresso tecnológico; em seu lugar, os arqueólogos, que buscam indícios de atitudes de sobrevivência estudando variações nos materiais preservados, sugerem que devemos pensar em povos diferentes, adaptando-se a condições ambientais e sociais em transformação. Um grupo de povos se adaptou de maneira distinta de outro não por ser atrasado, mas por serem diferentes as exigências da sua situação, o que fica claro quando estudamos os mesmos grupos de povos atuando em condições variadas — grupos nômades atuando em regiões climáticas diferentes usavam diferentes “caixas de ferramentas” para diferentes tarefas em diferentes lugares. Hoje está claro que não se pode datar um artefato pela sua aparência, nem o “adiantamento” de um grupo pela natureza de suas ferramentas — o que torna o progresso tecnológico no decorrer do tempo um conceito questionável.

Mudanças nos arranjos sociais e tipos de artefatos também são tradicionalmente vistas como indicadores de progresso. Mas aqui também os indícios apontam para uma complexa série de variações e aperfeiçoamentos não tanto progressivos quanto inesperados. Os caçadores europeus perceberam que era vantajoso se assentar nas rotas migratórias de suas caças; mas a resultante dependência de uma única espécie e de um padrão migratório estável era potencialmente catastrófica caso faltasse essa única fonte de alimento — principalmente quanto se tinha um grande assentamento para sustentar. Para grupos menores de caçadores-coletores, tal perigo inexistia. Assentamentos grandes e sedentários eram também mais suscetíveis a doenças — uma barganha involuntária entre uma vida saudável, mas fisicamente dura, de movimentação contínua e outra, menos árdua, porém mais sujeita a doenças e escassez repentina de alimentos. A própria noção de territórios a defender e atacar se tornou mais forte nas comunidades sedentárias do que nas migratórias.

A arte produzida pelos primeiros europeus também desafia as nossas noções de progresso linear. Seria a arte naturalista do Baixo Paleolítico em algum sentido melhor ou mais sofisticada do que a arte simbólica do mesolítico? Teriam a vitalidade e o movimento surgido à custa do realismo? Nesse caso, foi um passo adiante ou um retrocesso? Essas perguntas mostram que uma relação muito mais profícua com o passado (incluindo a história da arte) nos aguarda, bastando que estejamos preparados para renunciar às ideias de progresso que aprendemos desde pequenos.

ESTE CAPÍTULO abarcou as épocas dos caçadores-coletores, dos construtores megalíticos e dos agricultores do Ocidente até a conquista romana e mais além. O que esses povos têm em comum é a ausência de linguagem escrita e, como parece cada vez mais provável, a presença de continuidade histórica. Essa continuidade é obscurecida pelas maneiras diversas como os povos do Ocidente absorveram, adaptaram e encetaram uma ampla gama de mudanças culturais, tão extraordinárias em aparência que, durante muito tempo, acreditamos terem sido causadas por migrações, conquistas ou instigação de grupos adventícios mais avançados. Mais do que a interrupção e o progresso, as interpretações recentes enfatizam a continuidade e a mudança. Uma cultura ocidental diversa e em constante transformação existiu na Pré-História e sobreviveu até os tempos históricos.

Ao mencionar a falta de linguagem escrita nessa cultura, estamos fazendo um dos julgamentos de valor mais importantes, e menos notados, da história. O advento da escrita alfabética teve um enorme impacto sobre todos os aspectos da vida ocidental. Irei examiná-lo no capítulo seguinte, mas não sem antes considerar a perda implícita no desaparecimento de uma cultura oral, da qual a arte da contação de histórias é somente uma pequena parte. Também os aspectos comunais, locais, interpessoais, instintivos, extemporâneos e impressionistas da vida se degradaram em favor da individualização, do distanciamento, da reflexão e da organização. O direito consuetudinário deu lugar a regras escritas e a experiência à abstração. A tensão entre essas duas maneiras de viver se tornou, como veremos, um aspecto central da vida do Ocidente.

A história dos povos da Europa Ocidental que ficaram à margem da história escrita nos proporciona algumas ideias interessantes sobre a prática da própria história. Nossa propensão a fazer do passado um confortável prelúdio ao presente se torna tanto mais evidente quanto menos o passado é conhecido. O entusiasmo pela arqueologia combinado com um punhado de crônicas e histórias de valor duvidoso permitiu que nossos predecessores construíssem uma narrativa plausível. Os povos do Oeste e do Norte não escreveram documentos, e seus monumentos, além de não se prestarem à exibição em museus, permanecem um mistério para as nossas mentes modernas. Nossos ancestrais começaram por deixá-los de fora da história séria e depois fizeram deles uma alternativa romântica à cultura europeia dominante. O primitivo homem das cavernas da Idade da Pedra, o sábio druida, o agricultor avançado, o pagão ignorante, assim como as histórias de invasões e migrações (mapeadas com simples penadas), foram, cada um à sua maneira, concebidos para se encaixar numa visão particular do mundo. Mais do que guiada pela ideologia política da época em que é concebida, a história é sempre uma simplificação radical do passado — e os 30 mil anos da pré-história europeia são particularmente vulneráveis à nossa necessidade de classificar, moldar, conceptualizar e explicar. A radical ausência de vozes, nomes e rostos humanos individuais dá aos nossos ancestrais o aspecto de membros anônimos de uma subespécie que cumpre o seu destino sob o comando das forças da história. Todavia, a adaptação dos primeiros europeus ao ambiente natural e social em radical transformação deveria nos mostrar que não estamos falando de um processo zoológico inevitável e de fácil entendimento, mas das escolhas complexas,

contraditórias, inconscientes e cegas envolvidas nessas adaptações, bem como de suas imprevistas e incognoscíveis consequências.

Ao analisarmos o passado, reduzimos a complexidade. Sob o risco de obter explicações em lugar de entendimento, dividimos o passado pré-histórico em períodos para nos munir de um modelo mental. O desenvolvimento tecnológico verificado entre as Idades da Pedra, do Bronze e do Ferro parece um progresso inevitável; a passagem dos funerais de individuais a coletivos e de volta a individuais parece indicar uma relação variável com a terra e a propriedade; a presença de artefatos comuns em todo o continente mostra uma cultura comum, trazida, quem sabe, pela imigração; um documento antigo, mesmo que escrito séculos mais tarde, é um guia útil para os acontecimentos históricos. Os arqueólogos e historiadores aprenderam a ser cautelosos com essas coisas e a enfatizar a complexidade e a contingência. Devemos, no entanto, ter presente que novas técnicas e novos indícios são, e sempre serão, tão vulneráveis à classificação quanto foi, no século XIX, o homem das cavernas da Idade da Pedra. A despeito do nosso engenho técnico, jamais seremos capazes de explicar a construção das assombrosas estruturas de Maes Howe, Newgrange, Callanish, Stonehenge e Silbury Hill, e qualquer entendimento que delas tenhamos será sempre baseado na nossa visão de mundo atual. O que devemos, então, “fazer” com esses vestígios do passado? Para que servem e que influência podem ter em nossas vidas? Talvez extraiamos o máximo desses gigantes da criação humana quando nos esquecermos de seu lugar em algum esquema grandioso e olharmos para eles com humildade.

O passado é lugar de descobertas, mas também cenário das histórias que contamos. Nosso anseio de narrativa, desenvolvimento e completude nos provê de um passado que, embora muitas vezes complexo e contraditório, precisa ser compreensível. À medida que, por meio de novas técnicas e descobertas, se torna parte da nossa história, o passado pré-histórico passa a ser também parte da nossa civilização, ligando-se ao presente por meio da geografia, da cultura e da conexão com o mundo natural. Eis aqui, no entanto, o paradoxo que a história reiteradamente nos apresenta: estaremos pondo ordem num passado que não a tinha em absoluto? Será que o estamos perscrutando em busca de certezas no presente? Será a crença num desenvolvimento ordenado do mundo mais confortante do que a realidade de um futuro imprevisível?